

F

Nîmes tem acento, tem história e tem presente

Série de Verão

Nestas férias vou
conhecer... Maiorca
(em Portugal)

Trás-os-Montes

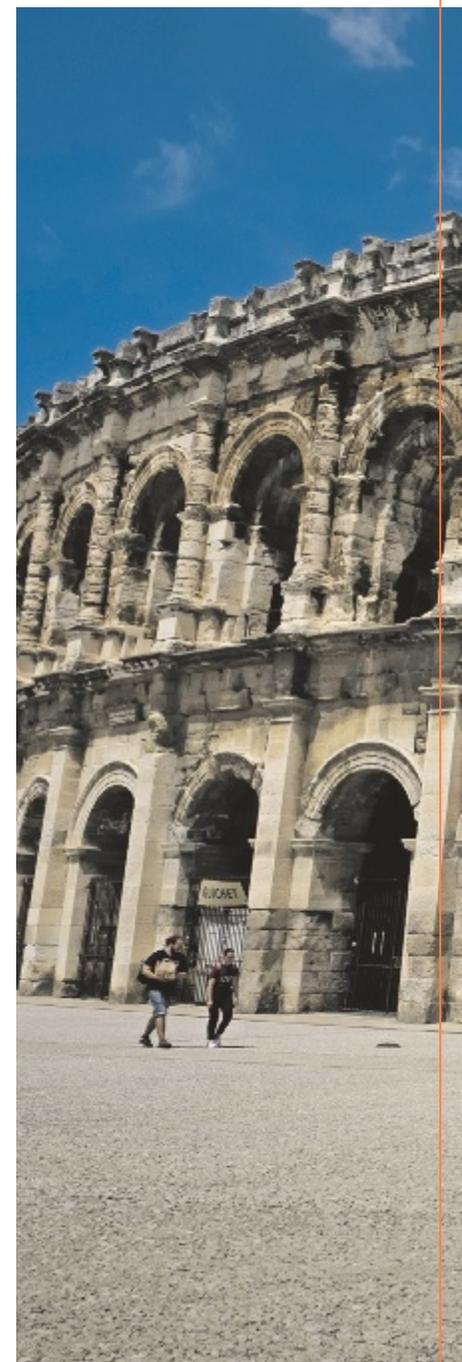
Na Rota Saber Fazer,
os artesãos da Terra
Quente abrem-nos
as suas oficinas



França

Nîmes

Passar devagar entre fontes e jardins, gladiadores e crocodilos



Há a Arena, a Torre Magna, a “Maison Carré” e um pouco de Roma por todos os lados nesta cidade no sul de França, que, no entanto, aposta também seriamente na arquitectura e na arte contemporâneas. Nîmes é “uma cidade com acento”.
Sérgio C. Andrade (texto)
e Manuel Roberto (fotografias)

● Vamos partir do princípio de que, vindos na *navette* do aeroporto, chegamos a Nîmes junto da estação de comboios, no extremo sudeste do seu perímetro urbano. Daqui queremos percorrer a capital do departamento de Gard, na região da Occitânia, numa diagonal irregular, com perto de dois quilómetros, até chegar à histórica Torre Magna no canto superior esquerdo do mapa - este tanto pode ser o percurso apressado de uma meia-hora como o bom roteiro de dia inteiro de passeio para quem quer descobrir esta cidade que se declara “a Roma francesa”.

Em Nîmes, há, de facto, Roma por todos os lados. Nos monumentos históricos, naturalmente, a começar pelo anfiteatro (chamam-lhe “*Arènes*”), onde aportamos 7 minutos depois de sair da gare (as distâncias estão indicadas numa placa) pela avenida Feuchères, bordejada por plátanos, duas bandas das típicas

casas amarelo-calcário de três pisos e uma corrente de água que refresca o percurso - além de vestígios romanos, há também água em fartura nesta terra que, diz a mitologia galo-romana, nasceu da deusa Nemausus, uma fonte primordial.

Mas estávamos a chegar à Arena - um dos três principais “emblemas” romanos da cidade, com a “Maison Carré” e a já referida Torre Magna. Espécie de cópia do Coliseu de Roma, construída no final do século I, cerca de uma década após a inauguração daquele, este edifício oval “é o anfiteatro romano mais bem conservado no mundo” - reclama a guia do Turismo de Nîmes Cécile Coustès -, mantendo-se muito próximo da configuração original, com os seus 24 mil lugares, 60 portas e duas ordens de arcos e colunas ainda em bom estado (apesar de estarem a ser objecto de demoradas obras de conservação).

Na sua história, e depois de ter sido palco dos divertimentos típicos da época romana (pelejas com animais, execuções humanas e combates de gladiadores), foi transformada na Idade Média em vila-fortaleza até que, na segunda metade do século XIX, voltou a acolher manifestações de lazer, com destaque para as corridas de touros, vínculo cultural com a vizinha Espanha - em meados do século passado, figuras como *El Cor-dobés* atraíram à terra mediáticos “aficionados” da faena, como Picasso e Jean Cocteau, Ava Gardner e Ernest Hemingway.

Actualmente, a Arena de Nîmes é um palco multifunções, que em Maio acolheu a mítica *Feria* anual - quase uma semana de festividades por altura da celebração do Pentecostes, que inclui sempre uma “festa romana”, e se repete em Setembro - e, quando da visita da FUGAS, estava a ser preparada para acolher



que de estacionamento, a descoberta de “dois mosaicos romanos em excelente estado de conservação, dedicados às figuras mitológicas de Aquiles e Pentessileia”.

É a própria ideia de mosaico que Elisabeth de Portzamparc decidiu replicar no seu edifício, marcado por uma pele branca e brilhante. No interior, o moderno museu mostra, num percurso cronológico, cinco mil das 25 mil peças do seu acervo. “É um museu de arqueologia que vem do fim da pré-história, passa pela era romana e vem até à Idade Média”, descreve a guia, destacando, também aqui, a presença predominante da herança romana. Um legado, de resto, bem exemplificado por uma estátua do deus Neptuno, que as retroscavadoras fracionaram em... 97 peças, entretanto meticulosamente coladas pelo museu (a escultura surge-nos também reconstituída na exposição da desafiadora “arte pós-internet” do austríaco Olivier Laric, *Memória Viva*, que ficará patente até 31 de Dezembro).

Crocodilos em plena rua

De regresso à rua, e ao nosso roteiro, é bem provável que tropeçemos, passemos junto, por cima ou mesmo por baixo de crocodilos junto a uma palmeira. Este é o emblema que Nîmes adoptou também a partir do imaginário antigo, e que radica na cunhagem das moedas com que Octávio, primeiro imperador de Roma, celebrou a sua vitória sobre Marco António e Cleópatra na Batalha de Áccio (ano 31 a.C.).

Decorando uma face das moedas que, ao longo dos tempos, iam surgindo das escavações na terra, este desenho tornou-se o símbolo oficial de Nîmes no século XVI (com a palma entretanto substituída por uma palmeira). Na década de 1980, foi actualizado pelo designer Philippe Starck, e é agora o “emblema” assumido da cidade, que vemos nos passeios, nos pinos das ruas, nas montanhas, na fonte da Praça do Mercado, ou mesmo nos dois crocodilos embalsamados sobre a escadaria dos paços do concelho, por onde sobem os noivos para registarem o casamento - é daí, explica a guia Cécile Coustès, que surge a expressão popular: “Casar é passar por baixo da barrigas dos crocodilos!”

Eis-nos agora chegados a outro monumento marcante da identidade de Nîmes: a “*Maison Carré*” (“Casa Quadrada”). “O que há de curioso aqui é que não é uma casa, nem é quadrada”, ri-se Sophie Wildbolz, explicando que se trata, antes, de um templo com a forma paralelepípeda, construído no final do século I a.C. a mando de Octávio César Augusto, com o objectivo - avançam estudos realizados no século XVIII a par-



O anfiteatro romano e o Museu da Romanidade denotam o diálogo entre o passado e o presente; na página à esquerda, o crocodilo-símbolo da cidade e os Jardins da Fonte

uma Festa da Música da TF1.

Ao lado, e em contraste assumido com o antigo “coliseu”, fica o moderno Museu da Romanidade, um edifício projectado pela arquitecta franco-brasileira Elisabeth de Portzamparc, inaugurado em 2018 para substituir o museu oitocentista de arqueologia.

“De um lado, um volume oval demarcado pela verticalidade dos arcos romanos e firmemente ancorados no chão; do outro, um volume quadrangular, levantando inteiramente drapeado por uma espécie de toga de vidro”, assim definiu a arquitecta o seu projecto, que é uma conseguida resposta contemporânea ao imaginário ancestral.

A guia Sophie Wildbolz explica que na origem deste museu lançado pelo autarca Jean-Paul Fournier esteve, na sequência de escavações realizadas na primeira década deste século para a construção de um par-

França



A “Maison Carré” não é uma casa nem é quadrada; é um templo raro, à espera da consagração da UNESCO; os bairros mais periféricos da cidade são palco privilegiado da *street art*, e Lauréline Tellier é a responsável pela programação do centro cultural SPOT



tir de reconstituição da inscrição que existiu na frontaria - de celebrar os seus netos e herdeiros Lúcio e Caio César, que, contudo, haveriam de morrer prematuramente, antes do imperador.

Este é “o templo romano mais bem conservado do mundo”, reclama Nîmes em voz alta, esperando que ele passe a integrar a lista do Património Mundial da UNESCO já no corrente ano.

Enquanto isso, os habitantes e visitantes, principalmente os mais jovens, aproveitam a sombra das belas colunas coríntias e a praça recém-urbanizada que rodeia o monumento para se reunirem e conviverem, tanto de dia como à noite.

História e contemporaneidade

À imagem do que acontece com a Arena e o Museu da Romanidade, também aqui a autarquia de Nîmes apostou num diálogo profícuo entre o passado e a contemporaneidade. O “*Carré d'Art*”, um edifício transparente implantado a oeste do templo romano, é um museu de arte contemporânea desenhado pelo arquitecto e prémio Pritzker inglês Norman Foster e inaugurado há precisamente 30 anos por iniciativa de Jean Bousquet, o diligente designer, empresário (foi o criador da marca Cacharel) e presidente da câmara da cidade na altura.

Trata-se de um cubo em vidro, cuja transparência fala directamente com a “*Maison Carré*”, espelhando nas suas colunas de aço e janelas de vidro as pedras da História.

Fabian Garcin, responsável pelo serviço cultural, alguns minutos antes de iniciar uma visita guiada para estudantes locais do ensino secundário, explicou o “*Carré d'Art*” à Fugas: “É um museu especialmente virado para a arte mediterrânica, com uma colecção de cerca de 700 obras, desde a década de 1960 até... 2022”.

Movimentos locais, como o designado “*suports/surfaces*” (*suportes/superfícies*), a *arte povera* (Mario Merz, Giuseppe Penone, Alighiero Boetti, Giovanni Anselmo), uma colecção de pintura alemã (Gerhard Richter, Sigmar Polke, Albert Oehlen, Thomas Schütte) e, mais recentemente, a arte do Magrebe, no norte de África, constituem a essência do acervo, num equipamento especialmente aberto ao cidadão, que só paga entrada nos dois pisos superiores dedicados à museografia. Os restantes cinco pisos (quatro deles no subsolo) são de acesso livre aos serviços de mediateca, biblioteca, salas de leitura e auditórios.

A assinalar o 30.º aniversário, até final do ano, o “*Carré d'Art*” tem espa-

lhadas por toda a cidade, incluindo os outros museus, várias exposições temáticas de arte contemporânea.

Norman Foster, Elizabeth de Portzamparc e Philippe Starck (que além do emblema do crocodilo desenhou uma improvável paragem de autocarro!) não são, de resto, nomes isolados na expressão da contemporaneidade na cidade. Também aí tem inscrito o seu nome o arquitecto Jean-Michel Wilmotte, responsável, nos anos 1980, pela modernização do oitocentista Museu das Belas Artes e, mais recentemente, pela urbanização da extensa (1,6 kms) avenida-*boulevard* Jean Jaurés, expressão feliz de um urbanismo que privilegia o peão e o cidadão, por via de um prático sistema de transportes públicos (com o *metrobus* em destaque), atirando os automóveis para a periferia. E há ainda o ‘Pritzker’ Jean Nouvel, autor dos complexos de habitação *Nemausus I e II*.

A caminho da fonte original

Seguindo em direcção a noroeste, o visitante chega ao canal do Quai de la Fontaine, a caminho do belo complexo Jardins da Fonte, que está na origem da povoação - e não apenas mitológica, como poderá depois perceber quem decidir visitar a pequena cidade Uzès e a Ponte de Gard.

Continuamos aqui em território da Antiguidade, com reminiscências que vêm do século VI a.C. e da civilização galo-romana até à remodelação deste complexo de jardins e canais, datada do século XIX.

Antes de subirmos a colina até à Torre Magna, temos de passar pela ruína do Templo de Diana, que, no século I a.C., de novo associada ao “reinado” de Augusto, integrou o *Augusteum*. Ninguém sabe ao certo o que foi este complexo, mas há ruínas e vestígios de uma fonte dedicada às ninfas (a tal fonte sagrada), um pórtico e um anfiteatro. A aura romântica deste lugar, associada ao mistério da sua função primitiva, inspiraram o pintor barroco francês Hubert Robert (1733-1808) a registá-la numa bela pintura, que se encontra no Museu Nacional Thyssen-Bornemisza, em Madrid.

Mas há que passear pelos belos jardins, que ocupam 15 hectares, e finalmente subir a colina até à Torre Magna, o único vestígio que sobreviveu da muralha original da povoação. Quem ousar subir os seus 36 metros e 140 degraus em escada de caracol pode usufruir de uma vista única sobre a cidade (com uma placa-legenda daquilo que está a ver).

Este passeio, que vai já quase num dia inteiro, não tem, contudo, que seguir necessariamente esta diagonal. Pode-se - deve-se - aceitar os desvios que o mapa de Nîmes permite, e inspira. →



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

HERITAGEWINES.PT

França

O Mosteiro de Saint-Gilles e a Ponte de Gard estão já classificados como Património da Humanidade



Da catedral à street art

Podemos assim conhecer a cidade de séculos mais recentes, nas ruas de recorte medieval, e nelas encontrar a Catedral de Notre-Dame-et-Saint-Castor, por esta altura em obras, mas com fundação do século XI, consagrada pelo papa Urbano II, mas que apresenta marcas das posteriores remodelações para suprir as destruições ocorridas durante as Guerras da Religião (século XVI), até ao figurino actual originário do século XVII. Quando as obras terminarem, será de novo possível admirar, na fachada, o friso românico provençal. Entretanto, podem ver-se no interior as capelas barroca (recentemente restaurada) e dos bispos (ainda à espera de intervenção), eventualmente ao som de canto gregoriano ou de música tocada no seu belo órgão seiscentista.

Noutras ruas, será também possível visitar algum da dúzia de “*hôtels particuliers*” que assinalam o tempo da burguesia mercantil e industrial da região. É o caso do Hôtel de Bernis, um dos mais antigos, com fachada do século XV e edifício interior de dois séculos depois, decorado com motivos que remetem para a Arena e o Templo de Diana. Foi também a residência particular, em Nîmes, do proeminente Cardeal de Bernin (1715-1794), ainda diplomata e amigo de Casanova (que o cita nas suas *Memórias*) - o túmulo do cardeal encontra-se na catedral da cidade.

Mas haverá coisas e encontros aparentemente mais simples e quotidianos, como as marcas do Festival de Street Art, que desde 2012 é promovido nos bairros mais descentrados

(e populares) de Richelieu e Gambetta. Um passeio pelas suas ruas estreitas e com casas ainda muito degradadas dá a ver já uma centena de intervenções nas suas fachadas - “um verdadeiro museu a céu aberto”, nota Cécile Coustès.

“O festival é uma forma de criarmos ligação com os habitantes, através das associações e das escolas, à procura de uma dinâmica colectiva de cultura”, diz à Fugas a jovem Lauréline Tellier, responsável pela programação e comunicação do SPOT, um centro cultural fundado há uma década, que é também um lugar de encontro e de integração na vida da cidade.

Certamente não por acaso, aí perto podemos cruzar-nos com o trompetista e radialista Pascal Deleuze, que nos convida a entrar no estúdio improvisado no parco rés-do-chão da radio associativa Ray Vox, a dar-nos as boas-vindas e a declarar-se leitor de Pessoa (mostra *O Livro do Desassossego - Livre(s) de l'Inquietude*) e de conhecedor de terras como Lisboa, Nazaré ou Coimbra.

Ou, numa visita ao cinema multiplex Le Sémaphore, depararmos com um grande cartaz com Leonor Baldaque na cena icónica do filme de Manoel de Oliveira *Vale Abraão* (1993), a anunciar uma selecção de filmes exibidos no último Festival de Cannes!... Ainda há pouco Portugal nas ruas de Nîmes, mas o caminho está aberto.

A Fugas viajou a convite de Nîmes Tourisme, Gard Tourisme e CRTLR Occitanie (Comité Régional du Tourisme et des Loisirs d'Occitanie).

No caminho de Santiago, com a Ponte de Gard em fundo

● A França integra o top 5 dos países com mais bens Património Mundial da UNESCO, com perto de meia centena de monumentos e sítios já classificados. E Nîmes espera juntar, ainda este ano, a sua “*Maison Carré*” à lista patrimonial do departamento de Gard, ao lado do Mosteiro de Saint-Gilles, a sul, e da ponte-aqueduto sobre o rio Gardon, a leste, para mais abertamente concorrer com as cidades próximas de Arles e Avignon, também já inscritas na lista.

A “*Maison Carré*” está na lista de candidaturas a analisar ainda este ano e, a conseguir a aprovação, este templo de uma extraordinária elegância arquitectónica irá completar uma espécie de triângulo virtuoso com Saint-Gilles e a Ponte de Gard, a potenciar o apelo turístico da região.

Na verdade, distando escassos 20 quilómetros de cada um destes sítios, Nîmes será sempre um bom ponto de partida para passeios a esses destinos. Rumando a sul, o Mosteiro de Saint-Gilles, classificado Património da UNESCO em 1998, no quadro dos Caminhos Franceses para Santiago de Compostela, tem uma relevância histórica certamente pouco conhecida: “Foi, na Idade Média, o quarto lugar de peregrinação do mundo cristão, logo a seguir a Jerusalém, Roma e Compostela”,

explica a guia Cécile Coustès.

Hoje, Saint-Gilles é fundamentalmente uma vila de passagem para a região da Camarga e de cruzamento com o canal que liga o rio Ródano a Sète, no Mediterrâneo, e daqui ao Canal do Midi (também já Património da UNESCO), que faz a ligação ao Atlântico! Mas a visita à arquitectura românica do seu mosteiro vale bem a pena. Aí ouviremos contar a lenda do eremita que, com a sua mão, salvou uma corsa da lança de um caçador e, a partir do século VIII, se transformou numa efígie da ordem beneditina.

A abadia mantém a icónica fachada que é “um livro aberto sobre a história do catolicismo, da Natividade à Paixão de Cristo e ao Julgamento Final”, nota a guia. Dentro do templo com origem no século XII, cumpre descer à cripta onde se encontra o túmulo de Saint-Gilles. E, mesmo que em ruína, há depois que subir a escada helicoidal, que é uma obra-prima da arquitectura medieval, a mostrar a arte superior dos mestres-pedreiros da região - que normalmente assinavam a sua obra, como se pode ver ao subir os degraus.

Daqui, o visitante pode continuar em direcção a sul, a caminho da Pequena Camarga, extensão do delta do Ródano, para visitar e demorar-se no centro ecológico de Scamandre, esta ano a celebrar 30 anos.

Entre canais e lagoas, podem admirar-se flamingos e garças - “Tem a maior colónia de garças da Europa”, diz a guia Véronique Allen - a sobrevoar os juncos, tamargueiras e arrozais. Mais à frente, fica a terra dos touros e dos cavalos da Camarga, que alimentam o imaginário da “corrida” e a economia da região.

Um prodígio da engenharia romana

Para visitar no mesmo dia, ou na jornada seguinte, temos então a incontornável Ponte de Gard. Mas, pelo caminho, valerá a pena passar pela pequena cidade de Uzès, que foi “o primeiro ducado de França”, explica à Fugas o guia Guillaume Boccacio.

O também arqueólogo chama ainda a atenção para o recorte das quatro torres que, desde a Idade Média, pontuam o horizonte da terra: as Torres do Duque, do Rei e do Bispo e também a icónica Fenestrelle, uma torre a fazer pensar na de Pisa, também ligeiramente inclinada, com seis pisos de oito janelas em cada um deles - “Manifesta o espírito da arte gótica antes do tempo”, nota o guia-arqueólogo.

Entre a visita a estas torres e ao seu Jardim Medieval, vale a pena ir ao mercado da Praça das Ervas, às quartas feiras dedicado à alimentação e



A Ryanair abriu em Março uma nova rota aérea a ligar o Porto a Nîmes, com dois voos (ida e volta) por semana: à quinta-feira e ao domingo. O plano era que essa linha se prolongasse até ao fim de Outubro, nesta fase experimental. Mas – informação prestada à Fugas pelo director do aeroporto Nîmes Grande Provence Méditerranée, Grégory Merelo, e veiculada pelo Turismo local –, o sucesso da nova rota, com uma taxa de ocupação de quase 89%, até ao final de Maio, levou a companhia aérea a estendê-la para a estação do Inverno, até ao fim de Março de 2024.

À chegada ao aeroporto de Nîmes (e também à partida), os passageiros têm uma *navette* de ligação à estação de comboios da cidade, num percurso de menos de meia-hora, cujo bilhete custa 6,80 euros.



O guia oficial do Turismo de Nîmes 2022/23 assinala a existência de 34 hotéis, além de várias outras possibilidades de alojamento local. A Fugas ficou alojada no *Appart'City Nîmes Centre* (3 estrelas - quarto duplo a partir de 58 euros), a meio do percurso entre a estação de comboios e a Arena. Mas quem quiser ter uma experiência de imersão na parte mais *fashion* da cidade poderá sempre optar pelo *Maison Albar Hôtels L'Imperator* (5 estrelas; propriedade da empresa que recentemente adquiriu *Le Monumental Palace*, no Porto, na Avenida dos Aliados), no centro histórico e bem perto da "*Maison Carré*". O quarto duplo pode custar a partir de 320 euros, mas o cliente pode sempre optar por alojar-se na "*Maison Ernest Hemingway*" – que, como *Ava Gardner*, *Salvador Dali*, *Pablo Picasso*, *Jean Cocteau* ou *El Cordobés*, frequentou o hotel –, e pagar até... 2450 euros/noite!

Appart'City Nîmes Centre
Nîmes
364, Allée de l'Amérique Latine
Tlf.: + 33 (0)4 66 40 68 85

Maison Albar Hôtels L'Imperator
Nîmes
15, Rue Gaston Boissier
Tlf.: + 33 (0)4 66 21 90 30

produtos agrícolas locais; ao sábado mais generalista.

Na verdade – lembra-nos *Guillaume Boccaccio* –, foi aqui, em Uzès, que nasceu a fonte de água que os romanos, no século I, decidiram fazer chegar a Nîmes, para reforçar o abastecimento indispensável à população. Só que, para fazerem descer a água até um desnível de apenas cerca de vinte metros, decidiram construir um aqueduto com... 50 quilómetros!

A ponte-aqueduto de Gard é Património Mundial da UNESCO desde 1985, e vale a pena avançar alguns números para entender a sua excepcionalidade como "a mais alta ponte antiga no mundo": tem 49 metros de altura, em três arcadas sobrepostas; o comprimento de 275 metros no piso do aqueduto; e demorou cerca de cinco anos a ser construída por um milhar de operários (certamente escravos, na sua maioria), que talharam 50 mil toneladas de pedra!...

Para o visitante actual, turista ou não, além da magnificência da obra e da vista, a Ponte de Gard, com os seus 165 hectares de paisagem protegida, significa um lugar especialmente aprazível, onde se pode estar, passear, fotografar, nadar, fazer canoa-gem, ou, quem preferir, visitar o museu, a ludoteca e assistir aos espectáculos de luz que anualmente se realizam nos meses de Verão.



A proximidade da Camarga e do Mediterrâneo, mas também do sempre presente imaginário taurino, condiciona naturalmente a tradição da gastronomia de Nîmes e da região de Gard, nomeadamente na presença do peixe e da carne, e também das alternativas vegetarianas. Mas se os habitantes da cidade se mostram sempre muito orgulhosos da sua especialidade de bacalhau – a *brandade de morue* (há até uma "*Maison de la Brandade*", cuja montra faz lembrar a da antiga Casa Colonial, no Porto), um puré a fazer lembrar a massa dos nossos bolinhos de bacalhau, cozida em leite, acompanhada por legumes –, a experiência mais forte (para os apreciadores, claro) será a *gardiane* de touro, estufada de carne acompanhada por arroz da Camarga seco com açafrão e outras especiarias.

No centro histórico da cidade, a visita ao sector da alimentação do mercado *La Coupole* permitirá ter uma ideia da variedade de ofertas, desde os *pâtés nîmois*, pequenas empadas de carne de vaca ou de porco, às trufas negras de Uzès, aos morangos e aos biscoitos *croquants* (doces e salgados) da casa *Villaret*, além da imensa variedade de queijos – estamos em França! –, em especial o queijo de cabra *Pélarçon*.

Nos vinhos, a marca regional "*Costières de Nîmes*" é a mais propalada, sempre com uma referência especial à cepa "*mourvèdre*" (tinto), proveniente da vizinha Espanha.

Uma visita ao *Château d'Or et de Gueules*, a sul da cidade, permitirá conhecer a realidade vitícola e vinícola da região. É uma empresa familiar – o casal *Mathieu Chatain-Diane* de *Puymorin* e a filha *Chloé*,

engenheira agrícola e enóloga formada em Bordéus –, que neste dia 1 de Julho celebra precisamente 25 anos.

Numa propriedade com 160 hectares (vinha+olival+bosque), produzem vinhos tinto, branco e rosé, que são comercializados maioritariamente em França (90%). Em belas garradas decoradas com as cores ouro e vermelho do brasão da família *Puymorin*, a quinta comercializa 13 marcas diferentes, desde o branco *Les Cimels* (10,50 euros) até ao tinto *La Bolidia* (43 euros), de vinhas velhas quase centenárias. Sobre a colheita do corrente ano, *Chloé* diz estar "a correr sem problemas, por enquanto, mas sempre com receio do risco maior do mildio e dos sempre imprevisíveis riscos climáticos". E assinala a aposta da família na agricultura biodinâmica, num vínculo muito natural com o *terroir*.



Alguns restaurantes:

Brasserie L'Impe
Nîmes
15, Rue Gaston Boissier
Tlf. +33 (0)4 66 21 90 30
nimes.imperator
@maisonalbar.eu
(quem quiser subir de estatuto, pode optar, no mesmo hotel, pelo restaurante *Duende*, do *chef Pierre Gagnaire*, com 2 estrelas Michelin).



La Table du 2

(terraço do Museu da Romanidade, com vista para um jardim interior e para a Arena).
Nîmes
2, Rue de la République
Tlf. +33 (0)4 48 27 22 22
contact@latabledu2.com

Le Cheval Blanc

(*wine bar*, restaurante e hotel; vale a pena chegar à fala com *Michel Hermet*, histórico e reputado *sommelier* da casa, e ouvir dele histórias da cidade, e do seu especial apreço pelo vinho Madeira para a acompanhar queijo *Roquefort*).
Nîmes
1, Place des Arènes
Tlf. +33 (0)4 66 76 19 59
winebar@wanadoo.fr

Le Ciel de Nîmes

(terraço do "*Carré d'Art*", com vista para a "*Maison Carré*").
Nîmes
16, Place de la Maison Carrée
Tlf. +33 (0)4 66 36 71 70
leciel2nimes@gmail.com

Le Cours

(restaurante e hotel; um bom lugar para experimentar a "*gardiane du papa*").
Saint-Gilles
10, Rue François Griffeuille
Tlf. +33 (0)4 66 87 31 93
contact@hotel-le-cours.com

Les Terraces

(restaurante-esplanada com vista privilegiada para a ponte-aqueduto Património da Humanidade).
Pont du Gard
https://pontdugard.fr/en

Château d'Or et de Gueules

(propriedade familiar, com visitas guiadas e provas de vinhos).
Saint-Gilles
Chemin des Cassagnes – Route de Générac
Tlf.: +33 (0)4 66873286
chateaudoretdegueules
@wanadoo.fr